



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**O TEATRO DO OPRIMIDO NO AMBIENTE ESCOLAR: ANÁLISE DE OFICINAS  
REALIZADAS POR ESTUDANTES DE PEDAGOGIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA  
DO DISTRITO FEDERAL**

**BÁRBARA DE OLIVEIRA GUEDES LOPES**

**BRASÍLIA – DF  
2022**

BÁRBARA DE OLIVEIRA GUEDES LOPES

**O TEATRO DO OPRIMIDO NO AMBIENTE ESCOLAR: ANÁLISE DE OFICINAS  
REALIZADAS POR ESTUDANTES DE PEDAGOGIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA  
DO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Aparecida Lisniowski

**BRASÍLIA – DF**

**2022**

**BÁRBARA DE OLIVEIRA GUEDES LOPES**

**O TEATRO DO OPRIMIDO NO AMBIENTE ESCOLAR: ANÁLISE DE OFICINAS  
REALIZADAS POR ESTUDANTES DE PEDAGOGIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA  
DO DISTRITO FEDERAL**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Professora Dra. Simone Aparecida Lisniowski  
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília  
(Orientadora)

Professora Dra. Liège Gemelli Kuchenbecker  
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília  
(Membro Titular)

Professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha  
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília  
(Membro Titular)

Professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz  
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília  
(Membro Suplente)

**BRASÍLIA – DF**

**2022**

Dedico essa obra a minha amada mãe Francisca Aparecida, que sempre foi meu maior exemplo de amor, força e dedicação, a minha prima Ana Carolina que sempre esteve ao meu lado durante toda minha trajetória escolar e acadêmica, me auxiliando e incentivando, e a minha amiga Emilie Maria, que vivenciou comigo os melhores e mais difíceis momentos da graduação, uma parceira de alegrias e tristezas.

A elas, meu muito obrigada!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, pela minha saúde, força e sabedoria para a conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha família que sempre me incentivou e ajudou por todo o processo de desenvolvimento do presente estudo, principalmente a minha mãe, que a todo momento esteve ao meu lado, buscando recursos para me auxiliar nessa caminhada, além de me fortalecer e me dar amor, me incentivando a prosseguir nesse percurso sem desanimar.

À minha prima, que durante toda a minha vida, se fez presente e companheira, dando forças para nunca desistir dos meus sonhos e sempre me ajudando a acreditar no meu potencial, fazendo com que eu enxergue a vida de uma maneira mais leve.

Aos meus colegas de turma que por todo momento me apoiaram.

Aos mestres que me guiaram nessa longa e satisfatória jornada, especialmente à minha orientadora Dra. Simone Lisniowski, que esteve presente desde o meu primeiro semestre e me apresentou esse mundo maravilhoso do Teatro do Oprimido, sou muito grata a ela por sempre buscar desenvolver um trabalho que nos incentive e ajude da melhor forma possível.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desse processo de conhecimento e aprendizado.

"[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção... não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao

aprender”.

(FREIRE, 1998, p.25).

## RESUMO

O estudo que se segue busca analisar a experiência dos estudantes de pedagogia a partir de relatórios do Projeto 3 no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Durante o projeto foram realizadas oficinas de Teatro do Oprimido em uma escola pública de Ensino Fundamental 2 do Distrito Federal, no segundo semestre de 2019. O objetivo da pesquisa foi analisar os relatórios produzidos pelos graduandos ao longo dos encontros realizados na escola, por meio de uma pesquisa qualitativa, a fim de identificar as principais recorrências e considerações dos graduandos quanto a experiência vivenciada. Após a leitura e análise dos relatórios, constatou que o Teatro do Oprimido pode ser uma importante contribuição quando a escola desenvolve a pedagogia de projetos e contribui assim para despertar crítico e criativo dos participantes, além de se apresentar como um instrumento relevante para a realização de projetos interdisciplinares que visam o desenvolvimento integral do estudante, como sujeitos atuantes da sociedade e capazes de transformar o meio que os cercam. Foram identificados os principais elementos nos relatórios: aprendizagem com o planejamento e aplicação dos jogos; dificuldades e soluções encontradas e a participação dos estudantes nas oficinas. Para os graduandos, a realização das oficinas possibilitou um espaço para o diálogo e entendimento de questões conflituosas do cotidiano dos estudantes dentro do contexto escolar.

**Palavras-chave:** Teatro do Oprimido. Contexto escolar. Oficinas. Relatórios.

## ABSTRACT

The following study aims to analyze the experience of pedagogy students based on reports from Project 3 in the Pedagogy Course at the University of Brasília. During the project, It was realized "Teatro do Oprimido" theater workshops in a public elementary school in Distrito Federal, in the second semester of 2019. The research goal was to analyze the reports produced by undergraduate students during the meetings at the school, through a qualitative research, that aims to identify the recurrences and considerations of the undergraduate students regarding the experience. After reading and analyzing the reports, it was found that the "Teatro do Oprimido" can be an important contribution when the school develops the pedagogy of projects and thus contributes to the critical and creative awakening of the participants, in addition to presenting itself as a relevant instrument for carrying out interdisciplinary projects that aim the integral development of the student, as active subjects of society and capable of transforming the environment that surrounds them. The main elements in the reports were identified: learning from the planning and application of the games; difficulties and solutions found and the participation of students in the workshops. For undergraduates, the workshops provided a space for dialogue and understanding of conflicting issues of students' daily lives within the school context.

**Keywords:** Theater of the Oppressed. School context. Workshops. reports.



## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL EDUCATIVO .....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>16</b>
<b>PRIMEIRA PARTE - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 TEATRO DO OPRIMIDO DE AUGUSTO BOAL .....</b>	<b>18</b>
1.1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	18
1.1.2 TÉCNICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO .....	19
1.1.3 O TEATRO DO OPRIMIDO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	22
<b>SEGUNDA PARTE - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA E TIPO DE PESQUISA .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2. PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS .....</b>	<b>25</b>
<b>2.3. PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO DOS DADOS .....</b>	<b>25</b>
<b>2.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>25</b>
<b>2.5. OBSERVAÇÕES .....</b>	<b>26</b>
2.5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA .....	26
2.5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO NA DISCIPLINA DE PROJETO 3 .....	26
<b>TERCEIRA PARTE - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 APLICAÇÃO DOS JOGOS DO TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA .....</b>	<b>28</b>
3.1.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO PRIMEIRO ENCONTRO.....	28
3.1.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO SEGUNDO ENCONTRO.....	29
3.1.3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO TERCEIRO ENCONTRO .....	31
3.1.4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO QUARTO ENCONTRO.....	33
3.1.5 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO QUINTO ENCONTRO.....	33
<b>3.2 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DOS GRADUANDOS NA APLICAÇÃO DOS JOGOS NA ESCOLA.</b>	<b>34</b>
<b>3.2.1 DESAFIOS ENCONTRADOS DURANTE A CONDUÇÃO DOS JOGOS .....</b>	<b>34</b>
3.2.2 PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS ATIVIDADES PROPOSTAS .....	35
3.2.3 A AVALIAÇÃO DA OFICINA NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DA ESCOLA.....	36
.....	.....

**3.3 O TEATRO DO UPRIMIDO ALIADO A PEDAGOGIA DE PROJETOS.....37**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS .....40**

**REFERÊNCIAS.....41**

## MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Bárbara de Oliveira Guedes Lopes, tenho 22 anos, moro em Taguatinga com minha mãe e meu irmão mais velho. Todas as escolas que frequentei ficam situadas nesta região. Assim, a presente memória educativa tem como objetivo relatar os diferentes caminhos percorridos em minha trajetória educacional.

Comecei a estudar aos 5 anos de idade na Escola Classe 45 de Taguatinga, localizada em Taguatinga Norte, próximo a minha residência. Nessa escola realizei o 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I. Não me recordo muito das experiências que tive nessa escola, apenas de ser bastante desinibida e sempre querer ser a protagonista em todas as apresentações escolares. Nessa escola tive meu primeiro contato literário através de uma pequena apresentação de teatro em que foi encenado o livro “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado. Me recordo de ficar admirada com o talento dos atores, e como era tão real tudo que eles faziam, até mesmo o personagem coelho.

Por morarmos de aluguel, sempre tivemos o costume de mudar de casa devido ao aumento absurdo dos aluguéis e com isso tive que me mudar de escola aos 7 anos de idade, para realizar o restante do Ensino Fundamental I. Fui para a Escola Classe 52 de Taguatinga, também localizada em Taguatinga Norte, próximo a minha residência naquele período. Lembro-me de gostar e me identificar bastante com todas as minhas professoras, mas especialmente com a professora do 5º ano, a Gladys Gaia. Uma professora amorosa, carinhosa e extremamente dedicada, a qual eu possuo contato até os dias atuais e é uma das minhas maiores inspirações profissionais.

Sempre fui uma aluna exemplar, obtinha ótimas notas, sempre assídua e pontual com todas as atividades. Devido a minha facilidade com a escrita e oralidade fui convidada a realizar o juramento na formatura do PROERD (O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), e ler a minha redação sobre a experiência no projeto. Eu, uma garota que gostava de atenção e de estar na frente do público, não podia recusar, e foi uma experiência muito marcante, pois foi a primeira vez que fui a público sozinha e falei em um microfone.

Nesse mesmo período, minha mãe começou a cuidar de crianças em nossa

casa, a fim de levantar uma renda para pagar nossas contas, pois, devido a sua

12

deficiência física, que dificultava sua mobilidade, trabalhar fora de casa não era uma boa opção, uma vez que depender de transporte público tornava a locomoção ainda mais difícil. Desde então, passei a ajudá-la no período em que não estava na escola, auxiliando nos cuidados básicos das crianças e também nas atividades daqueles que já frequentavam a escola.

Após concluir o Ensino Fundamental I, mudei para o Colégio Dinâmico, meu primeiro contato com a escola particular, após minha prima me apadrinhar quanto aos meus custos escolares por acreditar no meu potencial e pelo fato de que as escolas de Ensino Fundamental II da rede pública próximas a minha residência apresentavam alto índice de criminalidade e evasão escolar. Nessa escola realizei todo o meu Ensino Fundamental II, desenvolvi excelentes amizades e uma enorme paixão por matemática.

Tive ótimos professores, em especial a Luciana, minha professora de matemática durante todo os anos em que estive nessa escola. Uma professora que possuía um ótimo domínio do conteúdo e ministrava muito bem suas aulas, apresentando diversas metodologias a fim de facilitar o aprendizado de todos os alunos. Foi devido a esse contato que me apaixonei pela matemática e sempre tive muita facilidade, não me imaginava em outra área a não ser exatas.

Após finalizar o Ensino Fundamental II, me mudei para outra escola privada, devido a escola apresentar grandes números de aprovados em faculdades federais, e seu foco ser totalmente os vestibulares, foi onde realizei o 1º ano do Ensino Médio. Ao me mudar para essa escola, iniciei o meu período de estudante para vestibular, os conteúdos não faziam sentido se não fossem importantes e estivessem presentes no PAS ou ENEM. Me senti bastante sobrecarregada, os professores eram bastante rígidos e a carga de atividades e provas eram enormes. Nessa escola não era realizado nenhum projeto em grupo, toda a sua avaliação era composta por provas, tínhamos provas todo sábado, no modelo PAS ou ENEM, além das provas bimestrais de cada disciplina.

No início tive bastante dificuldade de acompanhar o ritmo da turma, visto que a maioria dos estudantes já estudavam nessa escola nos anos anteriores e já estavam acostumados com o método de avaliação. Senti muita falta dos trabalhos em grupo e das trocas de aprendizagem realizadas com os outros estudantes, de

uma aprendizagem realmente significativa. Era tudo muito mecânico e cansativo,

13

quase não criei vínculos devido a correria das aulas e a cobrança de boas notas. Porém, todos os professores eram excelentes, aprendi bastante e sou muito grata por tudo que aprendi durante esse longo ano, e ao preparo que eles me proporcionaram para ir bem no PAS.

Para realizar o 2º ano do Ensino Médio, me mudei de escola mais uma vez, retornando para a rede pública. Fui para o Centro de Ensino Médio Taguatinga Norte (CEMTN), onde eu realizei o restante da minha educação básica. De início foi um choque muito grande, eu estava bastante adiantada em relação aos conteúdos que eles estavam aprendendo, o que tornava as aulas bastantes tediosas.

Porém, o que mais me afetou foi a realização dos projetos e trabalhos em grupo, eu não conseguia trabalhar em conjunto, não conseguia desenvolver um projeto e muito menos ouvir os outros alunos. Senti muita falta das provas, mas depois de um tempo vi a quão rica era a experiência de trabalhar em equipe mesmo com todo estresse e discordância de opiniões, me proporcionando grandes amizades e troca de saberes. Foi durante a realização desses projetos, no qual encenamos o livro “Os Miseráveis” de Victor Hugo, que desenvolvi uma grande paixão por teatro. Foram dois anos incríveis, repleto de risadas, aprendizagem e crescimento pessoal.

O preparo para o vestibular se tornou uma grande responsabilidade minha, a escola não focava somente nisso, o que me demandou uma maior dedicação voluntária. Realizei monitoria de redação na escola no turno contrário às aulas, comprei apostilas com todas as obras do PAS e no 3º ano do Ensino Médio, realizei cursinho preparatório para vestibular no Instituto Bora Vencer.

Confesso que não havia cogitado em nenhum momento realizar Pedagogia, meu sonho era fazer Fisioterapia devido ao grande contato com os profissionais da área por acompanhar minha mãe nas consultas, e por ser apaixonada pelo trabalho deles. Porém, ao realizar a terceira etapa do PAS, vi que não apresentava nota suficiente para realizar Fisioterapia, e então começou o desespero e a procura por um curso que me interessasse, visto que, eu precisava entrar na UnB pois não teria condições financeiras para realizar uma graduação na faculdade particular.

Dentre os cursos que eu obtive nota suficiente para ingressar, estava Pedagogia. Após realizar uma pesquisa melhor sobre a graduação e área de

atuação, decidi que esse era o melhor curso, e o que eu mais me identificava, dentre

14

as minhas opções. Não iniciei a graduação muito contente, não era uma área que possuía muito interesse, fui me interessando e me apaixonando aos poucos.

O maior marco da minha paixão pela educação, foi quando iniciei o meu segundo estágio em que trabalhei com os Anos Iniciais, foi e está sendo uma experiência incrível. Pretendo continuar nessa etapa da educação básica, por me identificar bastante com a faixa etária, auxiliando-os não só nos conteúdos ministrados, mas também nas questões pessoais e conflitos internos, estando sempre aberta e atenta para ouvi-los.

Durante esse estágio pude me lembrar da experiência que vivenciei, com os estudantes dessa faixa etária, nas oficinas de Teatro do Oprimido através do projeto 3, oficina as quais eu sempre identifiquei como um forte instrumento para uma participação ativa dos estudantes, além de proporcionar uma grande abertura para a comunicação de questões mais complexas de opressão, que muitas vezes não são tratadas dentro da sala de aula.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar a experiência dos graduandos de Pedagogia da Universidade de Brasília ao realizarem jogos do Teatro do Oprimido em uma escola pública de Ensino Fundamental do Distrito Federal. A questão que norteou a pesquisa foi “Como os graduandos relataram o desenvolvimento das oficinas de Teatro do Oprimido realizadas na escola e quais foram os resultados obtidos?”

Os graduandos estavam divididos em 3 grupos com 4 integrantes (total de 12 graduandos/as) que fizeram a aplicação dos jogos em 5 (cinco) encontros de 2 horas, com cerca de 3 jogos por encontro, para um grupo com cerca de 15 a 20 alunos do 6º ao 9º ano que participaram voluntariamente no contraturno da escola. Além da professora da disciplina, os graduandos também foram orientados e acompanhados por uma professora da escola, que é professora de teatro e multiplicadora do teatro do oprimido.

As oficinas do teatro do oprimido foram aplicadas em um grupo de alunos/as da escola que participava voluntariamente dos encontros no contraturno da escola. A possibilidade de utilizar o Teatro do Oprimido na realização de projetos interdisciplinares foi uma das questões que nortearam a pesquisa nos relatórios. Considerando que um dos objetivos do projeto era promover um espaço para o diálogo de questões conflituosas vivenciadas pelos alunos no contexto escolar, uma das questões da pesquisa foi identificar nos relatórios como os graduandos relatam essa experiência no contexto escolar.

Segundo Boal (1975), o Teatro do Oprimido (TO) busca além da compreensão da sociedade, como também a sua transformação no sentido da libertação dos oprimidos. Nesse sentido, o trabalho com o TO no contexto escolar proporciona, por meio de uma prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, o desenvolvimento do estudante como indivíduo como sujeito crítico e consciente para uma atuação transformadora na vida em sociedade, preparando-o, através de encenações, para ações reais na sua vivência habitual e social, buscando a sua emancipação.

Seguindo esse pensamento, então pode-se chegar ao problema: quais ações foram realizadas pelos estudantes na prática das oficinas? Como sua execução foi

relatada pelos/as graduandos/as?

16

Ao analisar o relato da experiência dos graduandos, é possível identificar suas maiores dificuldades, as ênfases que foram dadas durante o processo e as ações empreendidas para que o objetivo das oficinas fosse alcançado. Conhecer essas práticas possibilita a expansão e a adaptação das oficinas na escola, segundo as necessidades da realidade em que se queira utilizar o TO, compreendendo como essa experiência impacta na formação dos estudantes, sendo necessário o respeito aos saberes em contexto e o estudo do tema a partir de outros praticantes do teatro do oprimido, pois é na experiência que acontece a ressignificação e a reorganização dos saberes.

Considerando a realização do Teatro do Oprimido no contexto escolar por meio das oficinas realizadas pelos graduandos, objetivo geral da pesquisa foi:

### **1.1 Objetivo Geral**

Analisar os relatos da experiência dos graduandos de Pedagogia da Universidade de Brasília, na disciplina de Projeto 3 – laboratório do Teatro do Oprimido, com aplicação de jogos em uma escola pública de Ensino Fundamental do Distrito Federal.

### **1.2 Objetivos Específicos**

- Descrever os encontros e os jogos aplicados pelos graduandos na escola;
- Identificar quais foram as recorrências nos relatórios acerca da aplicação dos jogos do teatro do oprimido na escola;
- Identificar nos relatórios as possibilidades e desafios de utilização do Teatro do Oprimido no ambiente escolar na percepção dos graduandos que aplicaram as oficinas.
- Identificar, a partir dos relatórios, formas de estimular a discussão, problematizar questões do cotidiano e transformar esse meio a partir dos jogos;

Para alcançar os objetivos, foi feita uma pesquisa qualitativa com a realização da análise dos relatórios dos graduandos de pedagogia da Universidade de Brasília.



na análise dos relatos dos graduandos de pedagogia da Universidade de Brasília, após executarem uma oficina, com 5 encontros, de Teatro do Oprimido.

17

A primeira parte deste trabalho busca contextualizar o surgimento e o funcionamento das técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, e sua utilização no ambiente escolar a fim de proporcionar um espaço democrático para uma educação emancipadora.

A segunda parte apresenta a metodologia adotada para a realização do presente estudo, como também uma breve contextualização da escola, local onde as oficinas foram realizadas, e da disciplina de Projeto 3 - laboratório do Teatro do Oprimido, a qual os graduandos realizaram a atividade.

A terceira e última parte apresenta a descrição dos encontros realizados pelos graduandos, a análise das recorrências nos relatórios produzidos pelos graduandos e a utilização do TO aliado a pedagogia de projetos.

## **PRIMEIRA PARTE - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 Teatro do Oprimido de Augusto Boal**

#### **1.1.1 Contextualização**

A origem da construção do Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal, surge no final da década de 1950 em São Paulo, após a elaboração dos Seminários de Dramaturgia, no Teatro Arena, com o intuito de experimentar o método realista do russo Stanislavski, a fim de entender e realizar um teatro inteiramente brasileiro, em um período no qual, o teatro de São Paulo estava dominado por diretores Italianos.

O objetivo de utilizar o método realista seria compreender e realmente sentir o personagem, com o intuito de trazer o clássico para o dia de hoje, possibilitando posteriormente, aos atores, a liberdade de se sentirem e serem eles mesmos, em que, segundo Boal, “o espetáculo brasileiro significava sermos nós mesmos. Não fazíamos considerações de classe, sistema social etc. Apenas isso: memória emotiva. [...] Nós éramos mais parecidos aos nossos espectadores.” (BOAL, 2000, p. 142).

No final da década de 1960, Boal estreia o espetáculo chamado Opinião, um dos seus célebres Seminários de Dramaturgia que exerceu forte papel de denúncia contra a repressão em um contexto ditatorial no Brasil, onde os cidadãos eram privados de suas liberdades políticas, em um regime autoritário de censura à imprensa e aos artistas. Foi nesse contexto que Boal começou a utilizar o teatro como instrumento de denúncia contra as opressões e a falta de liberdade no país.

Seguindo essa mesma vertente, um de seus mais importantes espetáculos foi Arena Conta Zumbi, por discorrer um importante episódio da História nacional, destruindo todas as convenções teatrais, contando uma história real, bem localizada no tempo e espaço. Como afirma Boal, 2005, Zumbi era uma peça de advertência contra todos os males presentes e alguns futuros, era preciso entender o passado no presente para assim, poder inventar o futuro buscando possíveis soluções. O texto foi produzido com intuito de estimular respostas nos espectadores, incentivando-os a continuarem lutando contra a opressão.

Segundo Boal, 2005 nesse espetáculo houve a introdução do sistema coringa após a criação do necessário caos através de quatro técnicas: a desvinculação de

ator-personagem; o agrupamento de todos os atores em uma única perspectiva de

19

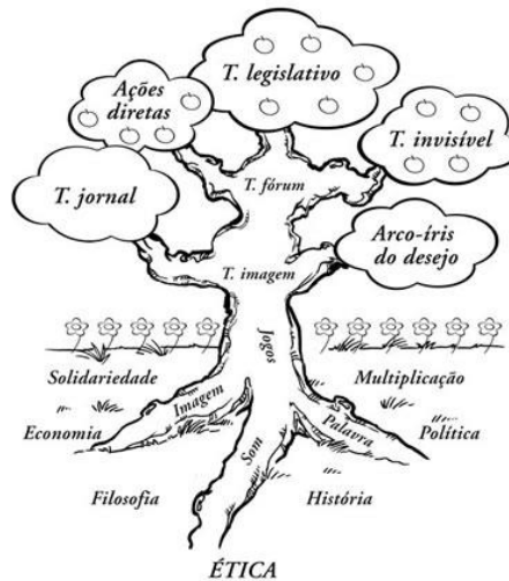
narradores tornando a interpretação coletiva; o ecletismo de gênero e estilo; e a utilização da música com o intuito de preparar a plateia para receber textos simplificados de forma lúdica, que são absorvidos pela experiência simultânea razão-música. A utilização dessas quatro técnicas proporcionou a sintetização do que se tinha de bom e potente na fase Fotográfica e na fase de Nacionalização dos Clássicos. Ao introduzir o sistema coringa eles procuram algo particular, íntimo, peculiar, que fora perdido entre o singular fotográfico e o universal do clássico. O coringa atua como intermediador entre público e acontecimento cênico.

Porém, ainda incomodado com a existência da barreira entre atores e plateia, Boal percebe a necessidade de uma participação mais ativa de todo público, ele estava se sentindo messiânico diante questões que o mesmo não vivenciava. Não era possível ensinar aos negros como lutar contra o preconceito racial, sendo branco, e nem as mulheres a lutarem em busca de sua liberdade, sendo homem, e muito menos aos operários a lutarem por condições melhores de trabalho, não sendo um operário. Boal, 2000 afirma ter observado essa questão após uma oficina de teatro realizada em Santo André, no qual percebeu a importância de falar de igual para igual, fazendo com que o oprimido da plateia se identifique com o oprimido do palco, refletindo sobre possíveis soluções para a temática apresentada. Essa reflexão fez com que posteriormente Boal desenvolvesse o Teatro Fórum, uma das técnicas do TO, no qual possibilita a participação ativa da plateia, sendo essa, podendo ir ao palco para representar algo que faria diante da situação.

### **1.1.2 Técnicas do Teatro do Oprimido**

O TO engloba seis técnicas que surgiram em consequência de descobertas coletivas vivenciadas por Boal e seus colaboradores durante sua trajetória ao longo dos países em que atuou. Seu método é representado através de uma árvore, na qual suas técnicas são interdependentes. As raízes são fundadas na Ética e Solidariedade. Em seu tronco, encontram-se os jogos do arsenal do TO, fundamentais para a desmecanização do corpo e para o desenvolvimento de todas as técnicas, que buscam reconhecer e transformar a opressão.

### ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO



A primeira técnica elaborada, ainda no Teatro Arena, foi o Teatro Jornal. "Quando, em 1971, a ditadura no Brasil tornou impossível a apresentação de espetáculos populares sobre temas políticos, começamos a trabalhar com as técnicas do Teatro Jornal" (BOAL, 2005a, p. 42). Seu objetivo era teatralizar o que estava explícito e principalmente implícito nas notícias dos jornais, denunciando a ditadura brasileira, utilizado para revelar informações distorcidas pelos jornais que estavam sob censura oficial.

Logo após a elaboração dessa técnica, Boal é preso, torturado e exilado, ele parte para a Argentina, onde começa a desenvolver um trabalho pela América Latina, criando novas técnicas do TO, o Teatro Invisível, o Teatro Imagem e o Teatro Fórum.

O Teatro Invisível, técnica desenvolvida na Argentina, consiste na apresentação de uma cena de uma situação de opressão, em um espaço não convencional, sem que os espectadores saibam que estão presenciando uma encenação, fazendo com que os mesmos reflitam sobre as questões apresentadas. Segundo Boal,

No Teatro Invisível, o espectador torna-se protagonista da ação, um espect-ator sem que, entretanto, disso tenha consciência. Ele é o protagonista da realidade que vê, mas ignora a sua origem fictícia:

atua sem saber que atua, em uma situação que foi, em seus largos

21

traços, ensaiada... e que não teve a sua participação (BOAL, 2005a, 27).

O Teatro Imagem, técnica desenvolvida no Peru após a participação de Boal em um programa de alfabetização ao lado de Paulo Freire, em um local composto por grupos de matrizes indígenas heterogêneas que se comunicavam através de mais de 40 dialetos, na qual se introduziu a comunicação não-verbal. De acordo com Boal, 2005, essa técnica tinha por objetivo instigar os participantes a pensar com imagens e debater um problema sem o uso da palavra, utilizando apenas o próprio corpo e objetos. Nessa técnica é solicitado a representação em imagem de opressões cotidianas e em seguida, buscando a reversão destas, uma outra imagem liberta de opressões, de como essa situação deveria ser.

Ainda no Peru, durante o programa de alfabetização, Boal desenvolve a técnica Dramaturgia Simultânea, em que a plateia ainda não participava diretamente. Os atores desenvolviam o espetáculo até o momento da crise, em seguida, mediados pelo coringa, os espectadores apresentavam sugestões para encontrar uma solução ao problema identificado, e os atores improvisavam uma por uma. Foi em uma oficina, na qual, o espetáculo lidava com a questão do machismo e da traição conjugal, que Boal percebeu que era possível uma maior participação da plateia, após uma espectadora subir ao palco e encenar o que faria diante da situação de opressão apresentada por estar insatisfeita com a atuação do ator para com a sua sugestão.

Boal então, encontrou o que ele estava procurando, a quebra da barreira invisível que separava atores de espectadores, em suas palavras, “esta forma de teatro produz uma grande excitação entre os participantes: começa-se a demolir o muro que separa atores e espectadores” (BOAL, 2005b, p. 202). Segundo Boal, 2005, essa é uma das técnicas mais democráticas, uma vez que os espect-atores possuem a liberdade de atuar revelando seus pensamentos, desejos e estratégias, sugerindo ao grupo ao qual pertencem, alternativas possíveis para a situação apresentada, em que o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real, e não um fim em si mesmo.

Boal se mudou para a Europa após o golpe militar no Chile que levou Augusto Pinochet ao poder. Durante seu trabalho com oficinas na França, se deparou com

opressões ligadas a subjetividade, ao medo do vazio e da solidão, originando, juntamente com sua esposa Cecília Thumim Boal, a técnica Arco Íris do Desejo, que

22

segundo Boal, 2005 consiste em desenvolver possíveis soluções para problemas interiorizados, por meio de jogos, em que só é possível livrar-se das opressões internalizadas se realmente houver um desejo para combatê-las.

Ao retornar para o Brasil, através de uma experiência inovadora, Boal marcou o início da década de 90, no Rio de Janeiro, com o Teatro Legislativo. Este surgiu através da sugestão de cinco coringas que convenceram Boal a se candidatar a vereador nas eleições municipais do Rio de Janeiro, com a condição de que os grupos teatrais elaborassem uma campanha teatral. Boal então se candidatou e foi eleito vereador do Rio de Janeiro em 1993, originando o Teatro Legislativo a partir da necessidade de manter um diálogo com o povo, em que, segundo ele trata-se de,

[...] um conjunto de procedimentos que misturam o Teatro Fórum e os rituais convencionais de uma Câmara ou Assembleia, com o objetivo de se chegar a formulação de Projetos de Lei coerentes e viáveis. A partir daí, temos que seguir o caminho normal da sua apresentação às Casas da Lei e pressionar os legisladores para que os aprovem (BOAL, 2005b, p. 20).

### 1.1.3 O Teatro do Oprimido no ambiente escolar

O ambiente escolar como espaço democrático, requer a promoção de uma educação emancipadora, através de uma prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias. O Teatro no ambiente escolar possibilita o protagonismo do estudante como indivíduo crítico e consciente para uma vida em sociedade. O trabalho com TO possui características amplas de formação social e política, prepara o indivíduo para ações reais na sua vivência habitual e social, buscando a libertação.

O TO possui grande similaridade com a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, por ambos apresentarem posicionamento ético-político de transformação social através da educação e da cultura. Para Freire, as pessoas precisam ser alfabetizadas a partir da leitura que elas fazem do mundo, compreendendo o mundo e utilizando a palavra a seu próprio favor. Enquanto isso, Boal proporciona a alfabetização política, em que, se faz necessário ter consciência do real, para poder transformá-la como cidadão. Portanto, ambos os autores,

Defendem a educação como ato dialógico, destacando a necessidade de uma razão dialógica comunicativa. Reconhecem que o ato de conhecer e de pensar está diretamente ligado à relação com o outro. O conhecimento precisa da expressão e da comunicação

o outro. O conhecimento precisa de expressão e de comunicação.

23

Não é um ato solitário e se estabelece na dimensão dialógica. (TEIXEIRA, 2007, p. 121).

Tendo a educação como ato dialógico, o papel do coringa assemelha-se muito com o papel do educador democrático, uma vez que o coringa é o agente provocador e facilitador do diálogo entre atores e espectadores, assim como o educador possibilita ao educando exercer sua cidadania através do diálogo ético e crítico, respeitando os conhecimentos prévios e possibilitando a reflexão na busca de resolução de problemas sociais, políticos e econômicos de uma determinada sociedade, contribuindo para o aprendizado.

É importante ressaltar a importância do reconhecimento do oprimido como protagonista do seu contexto social, despertando uma transformação nesse indivíduo quanto sua realidade. “A Pedagogia e o Teatro do Oprimido proporcionam um fazer pedagógico onde os oprimidos se tornam capazes de perceber o mundo, refletir sobre o mundo, e se expressar no mundo”. (TEIXEIRA, 2007, p. 16).

Portanto, a utilização do TO no ambiente escolar, permite a troca de conhecimentos e experiências, constituindo-se em um instrumento facilitador para as discussões dos problemas sociais diários de opressão e de intervenção sócio educativa, proporciona aos alunos o reconhecimento de sujeitos capazes, autocríticos, transformadores e constitutivos da sociedade.

## SEGUNDA PARTE - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1. Abordagem metodológica e tipo de pesquisa

Esse estudo foi estruturado por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa, por possuir características quanto a flexibilização do uso das técnicas de coleta e análise dos dados, sendo possível incorporar a técnica mais adequada à observação que está sendo feita. Segundo Gaskell (2002, p. 65), a pesquisa qualitativa,

“fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”.

Conforme o autor, o método qualitativo busca compreender a visão dos sujeitos quando o ensejo é, “o fornecimento de uma descrição detalhada de um meio social específico, uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica” (Gaskell, p. 65).

Para a utilização do método, foram coletados alguns dados estatísticos, no qual, Triviños (1987) afirma que o método pode ser aplicado em uma versão quali-quantitativa de pesquisa, por apresentar uso de dados estatísticos mas utilizando uma abordagem qualitativa. Quanto a isso, Bardin (1977, p. 144), explica que a análise quantitativa diz respeito à frequência em que determinados elementos da mensagem aparece, enquanto a análise qualitativa “[...] recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências; por exemplo, a presença (ou a ausência), pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição”.

O desenvolvimento do método se deu através da técnica de Análise Categorical, que funciona por meio da decomposição através do desmembramento do texto em unidades, para posteriormente serem agrupadas em categorias de classificação, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido.



## **2.2. Procedimentos da coleta de dados**

A coleta de dados ocorreu em duas etapas. A primeira etapa ocorreu a partir de uma observação de campo acompanhando os grupos da disciplina de projeto 3 do curso de pedagogia da Universidade de Brasília, 3 grupos contendo 4 graduandos cada, que fizeram a aplicação da oficina de TO, realizando jogos de desmecanização e técnicas teatrais, com cerca de 15 a 20 alunos do 6º ao 9º ano em uma escola de anos finais do Ensino Fundamental, com um total de cinco encontros, em cada um possuiu cerca de 2 horas de duração com a realização de cerca de 3 jogos por encontro.

A segunda etapa ocorreu a partir de um levantamento de dados dos relatórios realizados pelos graduandos de pedagogia da UnB, que participaram da aplicação da oficina de TO através da disciplina de projeto 3. Foram 5 relatórios produzidos por grupo de acordo com os encontros realizados na escola, totalizando 15 relatórios com cerca de 1 a 3 páginas cada, estes relatórios se constituíram como o corpus da análise deste trabalho.

## **2.3. Procedimentos de tratamento dos dados**

A partir das observações na realização das oficinas e coleta de dados nos relatórios dos graduandos, foi realizada a sistematização das informações dos relatórios para análise. Em um primeiro momento foi feita a leitura dos relatórios para identificação das percepções dos graduandos e da dinâmica das oficinas na escola. Para sistematização das oficinas realizadas, foram descritos os jogos de cada encontro de forma resumida. Em um segundo momento foi realizado o agrupamento dos temas que se repetiram com maior frequência, sendo recortados “do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática” (Bardin, 2011, p.100). Os temas mais recorrentes nos relatórios resultaram em subcapítulos deste trabalho.

## **2.4. Procedimentos de análise dos dados**

Após a sistematização dos relatórios e identificação dos temas mais recorrentes e significativos para os praticantes do TO (graduandos e os alunos), foi

estabelecido categorias de análise, com o objetivo de compreender a experiência e

26

as contribuições da realização do projeto para os graduandos e alunos. As categorias estabelecidas foram: 1) desafios encontrados durante a condução dos jogos; 2) participação dos alunos nas atividades propostas; 3) a avaliação da oficina na perspectiva dos alunos da escola.

## **2.5. Observações**

### **2.5.1 Contextualização da escola**

As oficinas de TO foram realizadas em uma escola pública de Ensino Fundamental do Distrito Federal. A escola atende alunos dos Anos finais do Ensino Fundamental, com a capacidade de matrículas de 500 a 1000 alunos. A escola possui professores qualificados e uma ótima infraestrutura, apresentando acessibilidade na maior parte dos ambientes.

A escola conta com o programa de Educação em Tempo Integral (ETI), possibilitando aos alunos uma maior vivência e interação no ambiente escolar, através da prática de projetos sócio educativos de natureza inclusiva e participativa, para o desenvolvimento de habilidades, orientação de estudos e preparação para a atuação na sociedade, com o objetivo de melhoria do ensino aprendizagem.

Os projetos contêm características das necessidades de informação sobre temas atuais que a sociedade vivencia, com vistas a conscientização para uma mudança de postura que seja produtiva e positiva para o meio em que o aluno vive. Tais projetos são orientados no sentido dos alunos, ao aprenderem conhecimentos e valores da base nacional comum e da parte diversificada, construam a sua identidade como cidadãos, capazes de serem protagonistas de ações responsáveis, solidárias e autônomas em relação a si próprios, às suas famílias e às comunidades.

Os projetos são desenvolvidos pela comunidade escolar, mas especialmente pelo corpo docente que a partir do interesse e necessidade dos alunos estruturam suas ações. Com isso, foi desenvolvido um projeto de Teatro do oprimido, para ser trabalhado com algumas turmas no período integral, com a parceria da professora de Artes da escola, que também é multiplicadora do teatro do oprimido, e os alunos da disciplina de Projeto 3 do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Para a atividade do teatro do oprimido, os estudantes foram convidados nas

saias de aula da professora de artes para participarem da atividade no contraturno. A escola apoiou disponibilizando o galpão, uma quadra coberta com cerca de 400

27

metros quadrados. O grupo foi formado com cerca de 20 alunos entre o 6º e 9º anos que mantiveram presentes nos cinco encontros. No último encontro um fotógrafo fez o registro das cenas apresentadas pelos estudantes para confecção de um mural de apresentação na escola. Essas fotos não serão colocadas no trabalho para preservar o anonimato dos participantes.

### **2.5.2 Contextualização do trabalho na disciplina de Projeto 3**

A disciplina de Projeto 3 do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, ministrada pela professora Simone Aparecida Lisniowski, possuiu como objetivo proporcionar a compreensão da proposta do TO por meio de um ensino teórico e prático, para posteriormente, os graduandos realizarem oficinas nas escolas ou em outros espaços institucionais. Nessa disciplina foram abordados fundamentos éticos, políticos e filosóficos do TO, como também, suas relações interdisciplinares (especialmente com a psicologia), técnicas, exercícios, jogos de desmecanização corporal e a utilização do mesmo no ambiente escolar.

A disciplina ocorreu de forma majoritariamente prática, com a elaboração de oficinas e jogos do TO, tendo como referência os materiais disponibilizados pela professora. Os encontros presenciais realizados na universidade, funcionaram como uma espécie de laboratório para os graduandos apresentarem e praticarem os planejamentos das oficinas que realizariam nas escolas. Era solicitado que o planejamento apresentasse o objetivo da oficina e a descrição detalhada de todos os jogos e técnicas que seriam utilizados. Após a realização das oficinas, os graduandos apresentavam semanalmente os relatórios das oficinas realizadas.

Para a aplicação das oficinas nas escolas, foram separados grupos contendo 4 graduandos. A aplicação ocorria de forma intercalada aos encontros realizados na universidade. As oficinas inicialmente aconteceriam a cada 15 dias no galpão da escola, mas devido a alguns contratempos no calendário escolar, houveram apenas cinco encontros. Após a aplicação das oficinas, os relatórios contendo as informações de como procedeu a oficina eram discutidos, o desenvolvimento dos jogos, a relação graduando-aluno, se houve uma participação ativa dos alunos, e se o objetivo foi alcançado, contendo as considerações dos graduandos.

## **TERCEIRA PARTE - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

### **3.1 Aplicação dos jogos do Teatro do Oprimido na escola**

Uma das características dos relatórios foram as descrições das atividades realizadas. Os grupos executaram as oficinas de forma intercalada, cada grupo realizava um jogo por oficina ou participava da observação e anotação dos procedimentos realizados por outros grupos. Optou-se por sistematizar as descrições dos relatórios para compreender as oficinas em seu conjunto. Assim, foi possível identificar que o planejamento e a realização dos relatórios se constituíram como processo de aprendizagem para os graduandos.

#### **3.1.1 Descrição das atividades realizadas no primeiro encontro**

Por se tratar do primeiro encontro, o primeiro momento foi dedicado à apresentação dos graduandos, nome, curso e semestre em que se encontravam, e a apresentação da proposta da oficina que seria realizada. Após a apresentação dos graduandos e da proposta, foi realizado um jogo, que se chama “Batizado mineiro”, para os alunos se apresentarem. O jogo funcionava da seguinte maneira, foi realizado uma roda na qual um aluno de cada vez, ia até o meio e falava o seu nome realizando um gesto, logo após, todos os alunos imitavam o gesto, repetindo, em voz alta, o nome do que estava se apresentando. Tendo como objetivo, ao propor o jogo, conhecer os nomes dos alunos e exercitar a atenção e a escuta.

De primeira instância, foi identificado uma certa timidez por parte dos alunos, os quais faziam gestos discretos e até mesmo trocavam de lugar na roda para serem os últimos a se apresentarem, algo que fez com que a dinâmica do jogo levasse mais tempo que o esperado. Porém, por se tratar do primeiro contato é algo compreensível e que já estava previsto pelos graduandos.

Em seguida, foi realizado o jogo “Fila de cegos”, o qual consistiu na realização de duas filas, nas quais, uma ficou de costas e de olhos fechados, e a outra de frente com os olhos abertos. Seguindo o comando, aqueles que estavam de costas se viraram, mantendo os olhos fechados, e por meio do tato, sentiriam a pessoa que estava a sua frente na fila oposta, buscando identificar suas características, cabelo, acessórios, entre outros. Após a realização do contato, os alunos de olhos fechados

viraram novamente de costas e a outra tila se misturou, fazendo com que aqueles que tatearam encontrassem, ainda sem ver nada, o aluno com o qual tiveram

29

contato. A maioria conseguiu com facilidade por já se conhecerem, apenas uma dupla não conseguiu. O jogo foi repetido com as fileiras invertidas para que todos pudessem participar das duas posições.

Ao final do jogo, foi realizada uma roda para que cada aluno apresentasse suas percepções e considerações quanto a dinâmica de não poder ver e apenas sentir, assim como as dificuldades que tiveram. Utilizando o jogo como uma forma de conhecer o outro através do toque e estimular outros sentidos, já que a visão não poderia ser utilizada.

O último jogo realizado neste encontro, ainda seguindo o intuito de conhecer melhor uns aos outros, se chama "Três mudanças". Para realizar o jogo, eles formaram duplas e ficaram de costas um para o outro, apenas um integrante da dupla realizou três mudanças em sua aparência, através de acessórios, roupas, ou até mesmo penteado, ao viraram de frente, o outro integrante deveria identificar quais foram as alterações realizadas. Todos os alunos gostaram bastante, eles já estavam bem mais participativos em relação ao início do encontro, e ambos os participantes, alunos e graduandos, se divertiram muito.

Para finalizar o primeiro encontro, foi proposto, pela professora de artes da escola, um feedback, no qual, os alunos poderiam utilizar apenas uma palavra para definir o que acharam desse primeiro encontro. As palavras que apareceram com mais frequência foram, "diversão", "legal" e "atenção". Os graduandos ficaram bastante satisfeitos com o andamento do encontro mesmo com os imprevistos que ocorreram, como pequenos atrasos de alguns integrantes dos grupos, uma quantidade menor de alunos que estava prevista, e o local para a realização da oficina na escola não estava tão adequado.

### **3.1.2 Descrição das atividades realizadas no segundo encontro**

Para iniciar o segundo encontro, foi realizado um jogo de aquecimento chamado "Zip, Zap e Boing", com o principal objetivo, como afirma Boal, de escutar o que se ouve. Ele consiste em passar um movimento e um som entre as pessoas da roda, para passar o movimento para o lado é necessário fazer uma seta com a mão e dizer zip, para passar este movimento para quem não tiver do seu lado é zap e caso você queira devolver o movimento para a pessoa que te direcionou, é só dizer

boing. Inicialmente foi identificado uma certa insegurança por parte dos alunos para

30

participar, o que dificultou um pouco o andamento do jogo, pois o mesmo deve ser realizado de forma rápida, porém, aos poucos, a interação e a participação aumentaram bastante.

Em seguida, foi realizado o jogo "Hipnotismo colombiano", feito em duplas, onde um integrante seria o "hipnotizador", este movimentava a mão na altura da testa do outro integrante, e o "hipnotizado" deveria movimentar sua cabeça de acordo com o movimento da mão do outro. Após a realização do jogo, os alunos relataram como se sentiram durante a dinâmica. Muitos apresentaram sentimentos de opressão, por estarem "dominados" e terem seus movimentos direcionados, e até mesmo limitados, por uma outra pessoa.

O terceiro jogo realizado se chama "Máquina rítmica", com o principal objetivo de trabalhar a coletividade, concentração, criatividade e expressividade de cada aluno. O jogo consistia em montar uma máquina, na qual cada pessoa que entrava para compô-la, deveria fazer um movimento e um som, sendo uma peça da máquina que estava sendo construída. O participante iniciante do jogo, fica no centro da roda e ao realizar seu movimento influencia os demais. Ele também determina o ritmo da máquina quando todos já entraram no centro da roda com suas respectivas peças, movimentos e sons.

Na primeira rodada foi proposto uma máquina do amor, que de início foi um pouco confusa para eles, mas no final cada um falou qual o tipo de movimento e o barulho que estava fazendo, e o significado que possuía. Na segunda rodada, foi a máquina do ódio, e em sua maioria, os movimentos e sons eram ligados à agressão. A terceira rodada a máquina foi denominada como a do racismo, e a maior parte dos movimentos e sons eram de negação, tristeza, exclusão, armas e risadas.

Após a realização da terceira máquina sobre racismo, foi questionado aos alunos se ocorrem situações de racismo no ambiente escolar, em que os alunos confirmaram a ocorrência, porém não relataram nenhuma situação específica. Com isso foi realizada uma cena congelada de uma situação de racismo para ser discutido possíveis ações de intervenção na opressão ocorrida.

Foi solicitado para que os alunos apresentassem soluções para acabar com a opressão que estava na cena, os quais fizeram isso com outra opressão, sendo essa, uma forte característica de sobrevivência dos oprimidos ao assumirem o papel

de opressor. Ao explicar para os alunos que eles apenas modificaram a fonte da

31

opressão, eles mudaram o posicionamento e apresentaram diversos argumentos a fim de convencer o opressor de não ter aquelas atitudes. Foi sugerido a eles mudarem a cena e a solução que encontraram para acabar com a opressão foi se abraçar e todos serem amigos.

### **3.1.3 Descrição das atividades realizadas no terceiro encontro**

Para iniciar o terceiro encontro, foi realizado um jogo de aquecimento chamado "Jogo do Dragão", que tem por objetivo aquecer e trabalhar o entrosamento do grupo. Foi solicitado aos alunos que formassem uma fila indiana com os braços apoiados no ombro do colega da frente. O primeiro é a cabeça e o último o rabo do dragão, o jogo consiste em que a cabeça pegue o rabo, e quando isso é feito, a cabeça ocupa o lugar do rabo até que todos iniciem o jogo uma vez. A atividade foi encerrada quando todos os alunos participaram da posição da cabeça.

Em seguida foi realizado o jogo "Gavião", no qual os alunos deveriam continuar em fila indiana. Nesse jogo, o gavião fica posicionado de frente a fila indiana de alunos, ele pergunta aos alunos "Qual a parte? ", em que cada aluno deve dizer em voz alta uma parte do corpo. Em seguida, o gavião escolhe uma parte que foi dita e deve achar o respectivo aluno que a disse, enquanto os outros alunos correm em fila do gavião tentando proteger a presa.

Após a realização dos dois jogos de aquecimento, foi explicado pelos graduandos, o conceito e a criação do Teatro Imagem por Augusto Boal, assim como seu principal objetivo em representar algo a partir de uma cena congelada ou imagem. Com isso, foi iniciado o trabalho com cenas congeladas a partir de dois alunos voluntários, que formaram a primeira cena em que os dois estavam apertando a mão um do outro. Foi perguntado aos demais o que aquela cena representaria, e eles responderam acordo de negócios, cumprimento ou relação romântica.

Após a realização da primeira cena, foi solicitado que os alunos alterassem a cena, na qual um dos alunos que estavam de mãos dadas foi retirado e uma outra aluna entrou na cena estendendo a mão com o gesto de "Ok". Ao perguntarem o que aquela cena parecia representar, os outros alunos disseram que possivelmente o menino estava sendo rejeitado pela menina ou que a menina não gostava de

toque. Seguindo os comandos, os alunos foram alterando a cena congelada e

32

compreenderam a proposta do exercício ao apresentarem suas interpretações sobre a cena que estava sendo apresentada.

Uma nova cena foi realizada, nela continha uma aluna e um aluno brigando, em que as interpretações apresentadas foram, uma briga entre marido e mulher, briga entre irmãos ou dois bêbados. A partir dessa cena foi solicitado aos alunos que procurassem formas de acabar com todo e qualquer tipo de opressão apresentada. Os alunos deveriam observar o contexto da opressão que estava ocorrendo, refletir sobre o que poderia ser feito a respeito e por fim, intervir da melhor maneira. Logo, um aluno entrou no lugar da aluna que estava em cena e se posicionou como se estivesse em um treino de luta com o outro integrante da cena.

Logo após, uma nova cena foi realizada em que um aluno da cena está armado enquanto o outro está assustado com as mãos no rosto. Os alunos supuseram que o aluno armado seria um policial enquanto o outro era o ladrão. Em seguida, uma aluna retirou o aluno indefeso e se posicionou como morta frente ao outro que estava armado. Uma outra aluna entrou em cena e se posicionou como se estivesse fotografando todo o ocorrido. O aluno armado é retirado de cena e um outro entra tentando socorrer a garota que estava no chão.

Na sequência, uma nova cena é realizada, nesta continha uma pessoa caída no chão e outra chutando-a. As interpretações dos alunos foram: situações de racismo, uma partida de futebol ou uma briga por motivos pessoais. Foi questionado quais as possibilidades para acabar com a opressão apresentada, e um aluno se posicionou frente a pessoa caída com o objetivo de o proteger dos golpes, porém todos os alunos apresentaram diversas possibilidades para conscientizar a pessoa que estava chutando, através de conversas, palestras, ou através do simples ato de ouvir o que aquela pessoa estava sentindo para praticar tal ato. Outras cenas foram realizadas, abordando assuntos como bullying, racismo, depressão, entre outros, cenas as quais os alunos tiveram que refletir apresentando uma solução através de uma cena ideal.

O encontro foi finalizado com a realização de uma roda para que os alunos descrevessem o encontro através de uma única palavra. As palavras que apareceram com maior frequência foram: divertido, criativo, nostálgico (por já terem vivenciado situações semelhantes), emocionante e diferente.



### **3.1.4 Descrição das atividades realizadas no quarto encontro**

No quarto encontro, houve a presença da professora de artes que auxiliou os graduandos na aplicação dos jogos e atividades. A professora iniciou com um jogo de aquecimento chamado pescaria, no qual os alunos deveriam ficar de braços dados, e tentar pegar os outros que estivessem livres até que todos fossem pegos e estivessem de mãos dadas, iniciando desta forma um círculo. Em seguida, foi realizado um outro jogo de aquecimento, o “Zip, Zap e Boing”, jogo o qual a maioria já conhecia por já ter sido realizado anteriormente.

Logo após os jogos de aquecimento, a professora de artes informou aos alunos que esse seria o penúltimo encontro e que seria realizado, por um fotógrafo profissional, fotos de cenas congeladas de situações de opressão que foram trabalhadas durante o projeto, para posteriormente serem expostas na semana de consciência negra, um projeto que a escola realiza todo ano.

Para iniciar as fotografias, foi solicitado que os alunos realizassem novamente as cenas que foram trabalhadas nos encontros anteriores, a fim de recordarem o que tinham feito, sendo necessário apresentarem a cena real e a cena ideal de cada situação. Após relembrem as cenas, e elaborarem outras novas relacionadas a situações de racismo vinculando com as cenas trabalhadas anteriormente, todos foram para fora do galpão, local que os encontros eram realizados todos os dias, e se posicionaram em alguns locais da escola para serem realizadas as fotografias das cenas elaboradas.

### **3.1.5 Descrição das atividades realizadas no quinto encontro**

Para finalizar a oficina foi realizado um último encontro, no qual foi proposto uma atividade utilizando as fotos tiradas no encontro anterior. Foi solicitado que os alunos se reunissem em trios e realizassem uma leitura crítica das fotos, para posteriormente produzirem um painel através do exercício de agrupamento, seguindo alguma temática identificada por eles através das fotos. O painel deveria conter uma sequência de fotos que apresentava contexto com a temática identificada pelos estudantes.

Após realizarem a leitura crítica das fotos e montado uma sequência, mas

sem conecionarem o painel, foi solicitado que um aluno do trio apresentasse para o restante da turma a temática que haviam identificado, explicando a sequência de

34

fotos escolhidas, trabalhando assim, a intencionalidade do discurso. Ao finalizar a apresentação de todos os trios, foi solicitado, para cada aluno, que apresentassem uma outra possibilidade de história com base em apenas uma foto. Após todos os alunos apresentarem suas histórias, os trios foram remanejados de acordo com a proximidade das histórias, para então confeccionarem o painel, e apresentarem para a turma a sequência dos fatos a partir das fotos utilizadas.

Todas as possibilidades de histórias que foram apresentadas pelos alunos possuíam vínculos com as práticas realizadas nos encontros anteriores. As temáticas mais recorrentes foram, machismo, racismo, depressão, e vida escolar. Ao apresentarem esses temas, os alunos alegaram a falta de espaço para dialogar sobre essas questões e como a oficina possibilitou um ambiente no qual os alunos puderam se expressar por meio dos exercícios desenvolvidos na oficina. Agradeceram pela sensibilidade dos graduandos por ouvirem seus relatos e criarem um vínculo, facilitando a abertura para um maior diálogo.

Para finalizar a oficina, foi realizado perguntas a fim de compreender as considerações dos alunos da escola quanto a oficina realizada em todos os encontros, a falta de um fórum afetou um pouco a avaliação, mas foram obtidas respostas significativas dos alunos. Todos apresentaram gostar muito de toda a oficina realizada e questionaram a possibilidade da implementação de um projeto, no contraturno, com o Teatro do Oprimido.

## **3.2 Análise da experiência dos graduandos na aplicação dos jogos na escola**

### **3.2.1 Desafios encontrados durante a condução dos jogos**

Ao realizar a leitura dos relatórios, é possível identificar que houve uma grande preocupação quanto à descrição dos encontros e jogos realizados. Os graduandos apresentaram o procedimento de cada jogo, descrevendo como eles funcionavam e como foi realizado a condução. Descreveram também, os desafios encontrados na condução, os quais todos apresentam como desafio, a grande euforia e as conversas paralelas dos alunos quanto às dinâmicas propostas, dificultando a condução do jogo pois os graduandos, em alguns momentos, não possuíam espaço de fala. No relatório do 3º encontro, de um dos grupos de

graduandos, afirma que *“O excesso de animação criava a atrapalhar a realização dos jogos e até a nossa explicação sobre as regras. Entretanto, com um momento*

35

*de conversa e pedidos de silêncio, conseguimos alcançar o objetivo de desenvolver o tema proposto.”*

Outro desafio identificado em alguns dos relatórios, foi o pouco domínio de alguns graduandos quanto ao jogo que estavam propondo, tornando a explicação um pouco confusa, sendo necessária a intervenção de um outro multiplicador, nos quais os graduandos relatam que *“(…) os alunos estavam fazendo movimentos confusos que não possuíam muito nexos e quem estava conduzindo não possuía muito domínio, sendo necessário a intervenção dos outros.”*

O desafio na condução influenciou diretamente na execução dos jogos, visto que devido à falta de atenção, em alguns encontros, dos alunos quanto às explicações, e o despreparo de alguns graduandos quanto ao que estavam propondo, o andamento, de alguns jogos, não procedeu da forma esperada, tomando assim mais tempo que o previsto no planejamento, porém não influenciando significativamente no objetivo dos encontros pois nos relatórios aparecem afirmações sobre o alcance dos resultados de acordo com o planejamento. Houve também, alunos que não compreenderam o funcionamento do jogo na explicação, mas que após uma rodada, e com a ajuda de outros alunos, conseguiram entender e participar.

### **3.2.2 Participação dos alunos nas atividades propostas**

É possível observar nos relatórios, a satisfação dos graduandos quanto a participação dos alunos nos jogos propostos, mesmo com a presença das dificuldades. Relataram uma boa participação e empolgação por parte dos alunos, os quais solicitavam a possibilidade da realização de encontros semanais e não quinzenais. Os alunos se apresentaram abertos e críticos para abordarem e debaterem sobre situações de opressões que ocorrem com frequência na sociedade e até mesmo no ambiente escolar, apresentando situações que haviam vivenciado dentro e fora da escola. Segundo os graduandos no primeiro encontro, *“Ficamos bastante animados pois os alunos desde o início foram bastante participativos”*. Comentários sobre a participação dos alunos aparecem com frequência nos relatórios, nos quais os graduandos apresentam bastante satisfação, *“Os alunos, como em todos os encontros que tivemos até o momento, foram muito receptivos*

*com as propostas das atividades. A todo momento queriam participar e ter voz ativa”.*

A participação e aceitação das propostas dos jogos estão presentes nos relatórios com bastante frequência, mostrando a importância deste fator para os graduandos. Como reflexão, nos perguntamos se essa preocupação não seria excessiva já que a participação nos jogos do teatro do oprimido deve ser voluntária, prevalecendo a liberdade dos estudantes em participar ou não dos jogos.

### **3.2.3 A avaliação da oficina na perspectiva dos alunos da escola**

Nos relatórios também é possível identificar, por meio das considerações dos graduandos, que a utilização do TO possibilitou uma abertura para que os alunos relatassem situações que vivenciavam, mas que não possuíam espaço para debaterem no ambiente escolar. Através dessa abertura, os alunos se apresentaram muito mais participativos e confiantes para se posicionarem diante das dinâmicas que estavam sendo propostas, apresentando seus conhecimentos prévios, suas interpretações e hipóteses, sem receio de estarem certos ou não, segundo os graduandos, *“Foi apresentado cartazes ligados aos seguintes temas: machismo, depressão, vida escolar, e ao conversar sobre esses assuntos, os alunos relataram que não tem um espaço para conversas coletivas para debater ou falar de qualquer questão, e então foi perguntado se essa oficina poderia ser um espaço para esses diálogos, então os alunos falaram que sim, e que é muito importante o fato de um adulto perceber algo e perguntar o que está acontecendo com as pessoas, e que como foi desenvolvida uma afinidade com os alunos, a possibilidade deles se abrirem para o diálogo é alta.”*

Como os graduandos relatam, as avaliações da oficina na perspectiva dos alunos da escola foram bastantes positivas, os quais questionaram a possibilidade da continuação do projeto e a realização em outras escolas, *“Como muitos alunos estão indo para o Ensino Médio, foi pedido para que tenham oficinas em outras escolas, e que a convivência com eles fosse maior (tendo em vista que os encontros aconteciam a cada 15 dias). Ainda em relação à convivência, foi falado de modo positivo sobre a junção de várias turmas, pois melhorou a afinidade entre eles, e também foi pedido um contato além como grupo em aplicativo de telefone para*

*informes importantes. ”*

37

Nos relatórios foi possível perceber como os graduandos relatam uma experiência positiva no uso dos jogos para abordar temas como violência, racismo e machismo na escola. Os alunos enfatizam a possibilidade de ter um espaço de escuta. Para os graduandos, este relato aparece como um dos mais relevantes na realização da oficina e que motivou a propor encontros semanais.

### **3.3 O Teatro do Oprimido aliado a Pedagogia de Projetos**

A partir da análise dos relatórios pode-se perceber a relevância do trabalho interdisciplinar para projetos como este na escola. Uma das características dos relatórios é a ausência de desafios para realizar o projeto na escola. Frequentemente projetos como estes são boicotados ou impedidos de acontecer no ambiente escolar por abordarem temas mais sensíveis. No entanto, uma das características da escola na qual aconteceram as oficinas foi a receptividade quanto à proposta e a abertura para que vários graduandos adentrassem a escola e aplicassem os jogos. Não há qualquer menção nos relatórios acerca de dificuldades para realização das oficinas ocasionadas pelo contexto escolar. Assim, percebeu-se que uma escola que trabalha com projetos possibilita a expansão de trabalhos dessa natureza para os estudantes.

A pedagogia de projeto é uma metodologia de ensino que implica em uma forma prática de construção de conhecimentos ativos. O professor/mediador atua como auxiliador na orientação, sugestão e direcionamento para guiar seus alunos. O aluno é o protagonista do seu próprio desenvolvimento, nesta metodologia o educando aprende a produzir, pesquisar, levantar dúvidas, questionamentos, criam relações que os incentivam na busca de novas descobertas, constrói e reconstrói os seus conhecimentos.

Segundo Valente (2000):

No desenvolvimento do projeto o professor pode trabalhar com [alunos] diferentes tipos de conhecimentos que estão imbricados e representados em termos de três construções: procedimentos e estratégias de resolução de problemas, conceitos disciplinares e estratégias e conceitos sobre aprender (VALENTE, 2000, p.4).

Ou seja, este método permite o ensino interdisciplinar contribuindo para maior

amplitude de conhecimentos, e fundamental que por parte do professor haja uma

38

clareza da sua intencionalidade pedagógica para a sistematização do objetivo a ser alcançado.

A pedagogia de projeto instrui o professor a estruturar as ações educacionais, em busca de soluções para problemáticas presentes na realidade do aluno (comunidade). Hernandez, 1998 afirma que a pedagogia de projeto é como uma “aventura social e intelectual”, pois em prática real torna-se uma ligação direta com problemas reais, da diversidade, da pluralidade e culturas.

A pedagogia de projeto traz uma diversificação de estratégias e técnicas para o auxílio do ensino e aprendizado, constitui-se de uma diversidade de relações, linguagens e formas de abordar o conhecimento, buscando temáticas através de investigação e da participação dos alunos em rodas de conversas. Segundo Hernández:

Para aprender é preciso ir construindo andaimes e relações com sentido. Alguns estão nas disciplinas ou, em outros casos, em campos do saber que não se restringem aos limites disciplinares. Também se constroem a partir do diálogo, da intuição, do encontro com outros e da experimentação. (WELP, 2014, p.67).

O professor assume uma atitude de ouvir seus alunos e estabelece diálogo com frequência, tornando essa relação significativa, de forma que isso se torne rotina. Ele busca planejar suas ações didáticas de forma interdisciplinar através de um planejamento visando a solução de problemas reais, descobertos através de investigação da realidade dos alunos e materiais, recursos e estratégias que possibilitem e facilitem o aprendizado e a mediação entre o aluno com o objeto de estudo.

Portanto, por ser uma forte característica da escola que foi realizada as oficinas o trabalho com projetos interdisciplinares, o TO se apresentou como um ótimo instrumento metodológico para a pedagogia de projetos, uma vez que possibilitou a troca de conhecimentos e experiências, constituindo-se em um instrumento facilitador para as discussões dos problemas sociais diários de opressão e de intervenção sócio educativa, proporcionando o desenvolvimento de habilidades e preparação para a atuação dos alunos na sociedade, pois segundo Boal (2005), a encenação do indivíduo, constitui-se de um passo para a reprodução na realidade, possibilitando o reconhecimento do mesmo como pertencente da sociedade.

O papel dos graduandos como multiplicadores, na aplicação das oficinas, possui grande similaridade com o papel do educador na pedagogia de projetos, ao provocarem e facilitarem o diálogo, possibilitando aos alunos exercerem sua cidadania através do diálogo ético e crítico, respeitando os conhecimentos prévios e possibilitando a reflexão na busca de resolução de problemas sociais, políticos e econômicos das realidades que o cercam.

O trabalho com TO aliado a pedagogia de projetos possui características amplas de formação social e política, ao preparar os indivíduos para ações reais na sua vivência habitual e social, buscando a libertação, pois além de um espaço democrático, o TO também é local de transformação pessoal. Dessa forma, utilizá-lo na escola proporciona aos alunos o reconhecimento de sujeitos capazes, autocríticos, transformadores e constitutivos da sociedade, tendo em vista que a instituição escolar é um espaço transformador e formador no qual o aluno passa boa parte de sua trajetória.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, foi apresentada uma sistematização dos relatórios apresentados pelos graduandos, com os significados que esses atribuíram à prática, por meio da realização de oficinas do Teatro do Oprimido no ambiente escolar. Nestes relatórios foi possível identificar que apesar das dificuldades, a oficina cumpriu com o objetivo de proporcionar a troca de conhecimentos e experiências, em que o TO se apresentou como um instrumento facilitador para as discussões dos problemas sociais diários de opressão que os alunos da escola vivenciam.

A utilização do TO alinhado a Pedagogia de Projetos, possibilitou o protagonismo dos alunos quanto ao seu próprio desenvolvimento, os graduandos atuaram, principalmente, como um auxiliador na orientação e direcionamento para guiar os alunos, possibilitando aos educandos, a capacidade de produzirem, levantarem dúvidas, hipóteses, questionamentos e incentivá-los na busca de soluções para situações de opressões da realidade que o cercam.

Segundo os relatórios, foi identificado a necessidade dos alunos de um espaço democrático para o debate de questões que os afligem, no qual pode ser concebido através da prática do TO, tendo em vista que a encenação da ficção proporciona a por meio de temas importantes para realidade, possibilitando aos alunos compartilharem suas vivências, questionamentos, medos e outros problemas que vivenciam em seu contexto social. Segundo os relatórios, os alunos se mostraram extremamente abertos para aprenderem e realizarem coisas novas, evidenciando a prática do teatro do oprimido na escola como uma experiência positiva para os graduandos.

Portanto, o TO se apresenta com um ótimo instrumento metodológico e que possibilita a articulação com diversas disciplinas proporcionando a realização de projetos interdisciplinares, tornando a escola um espaço democrático para todos, mostrando para os alunos que eles não só fazem parte da sociedade, mas que são capazes de compreendê-la e transformá-la.



## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOAL, Augusto. **Hamlet e o filho do padeiro**: memórias imaginadas. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- \_\_\_\_\_(a). **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.
- \_\_\_\_\_(b). **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.
- GASKELL, G. (2002). **Entrevistas individuais e grupais**. In: M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático (pp.64-89). Petrópolis: Vozes.
- HERNANDEZ, Fernando – **Transgressão e mudança na educação**. Editora Artmed, 1998
- TEIXEIRA, Tânia Márcia Baraúna. **Dimensões sócio-educativas do Teatro do Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal**. Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona: 2007. Tese de doutorado em Educação e Sociedade do Departamento de Pedagogia Sistemática e Social. Orientação: Xavier Úcar Martínez.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VALENTE, J.A. **Formação de Professores**: Diferentes Abordagens Pedagógicas. In: J.A. Valente (org.) O computador na Sociedade do Conhecimento. Campinas, SP: UNICAMP- NIED, 2000.
- WELP, Anamaria Kurtz de Souza, Revista bem legal - Porto Alegre. v. 4. nº 1 . 2014 – Disponível em: [http://www.ufrgs.br/revistabemlegal/edicoes-anteriores/no\\_1\\_2014/entrevista-com-o-professor-fernando-hernandez](http://www.ufrgs.br/revistabemlegal/edicoes-anteriores/no_1_2014/entrevista-com-o-professor-fernando-hernandez) 18 de novembro de 2020 às 14:20

